

DIVAGAÇÕES LINGUÍSTICAS
EM TORNO DUM EPITÁFIO ROMANO
REENCONTRADO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO. *Universidade de Coimbra*
JOSÉ CARDIM RIBEIRO. *Universidade de Lisboa*

Reencontro inusitado

Ao folhear o n.º 1 (Maio 1997) da revista *Nova Gente – Casa & Campo*, verificou a Dr.ª Maria da Conceição Lopes (do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra) que uma das floreiras da casa de Nuno da Câmara Pereira, na Quinta de São João, em Galamares (Colares – Sintra), apresentava uma inscrição romana.

De pronto telefonou a fazer-nos a surpresa. Agradecemos e corremos a comprar.

A fotografia estava, aliás, excelente (cf. foto 1) e permitia uma primeira leitura, que – com mais uma ou duas consultas bibliográficas – nos trouxe a felicidade de podermos identificar o achado com um dos textos que, de há

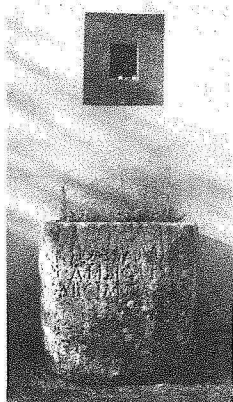


Foto 1 — A foto, de Paulo Lopes, reproduzida, com a devida vénia, de *Casa & Campo*

muito, se procurava, pois dele se perdera o rasto. O nosso reconhecimento ao fotógrafo (Paulo Lopes) que, num relance inspirado, mesmo sem compreender exactamente o alcance do seu gesto (o texto, de Ana Correia, não se refere à inscrição), nos ofereceu, como em bandeja de prata, preciosa informação histórica.

Nuno da Câmara Pereira foi de uma simpatia inexcedível e autorizou-nos, sem mais, o estudo pormenorizado da epígrafe, o que muito agradecemos. Informou-nos, aliás, que quando comprou a quinta, há uns dez anos atrás (por volta de 1987), a pedra servia de pé a uma mesa colocada, ainda hoje, junto à margem do Rio (ou Ribeira) de Galamares. Daí a trouxe para floreira (cf. foto 2), substituindo-a na mesa por um pé de cimento.



Foto 2 – O enquadramento actual da epígrafe

Divagações antiquaristas e filológicas

Vejamos, então, como é que a epígrafe andou referida nos últimos trezentos anos.

O primeiro autor que aludiu ao monumento foi o Padre Manuel Pereira de Sottomayor. Na folha 11 do seu *Catalogo dos Piores da Igreja de S. Miguel de Cintra em que se conthem algumas antiguidades da mesma V^a*, composto em 1675 e hoje guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa (Reservados COD. 208), afirma ele que, na quinta que tem “no sitio de Galamares se encontra uma pedra, a qual, suposto que quebrada, ainda se lêem nela estas letras...”: é a epígrafe CIL II 322, ainda por reencontrar. “E na quinta que fica no mesmo lugar”, escreve de seguida o prior de S. Miguel de Sintra, quinta “que foi de H^{na} de Pazfea (?), está outra sepultura que diz IVLĀTIL·FARCĪANIA. Arçiania fez pôr esta sepultura a Júlio Atilimio”¹.

A referência andou desconhecida até que, no segundo quartel do século XIX, o Visconde de Juromenha, debruçando-se sobre as antiguidades de Sintra², a logrou encontrar. Juromenha parece, de facto, basear-se em Sottomayor; omite, porém, o nome da proprietária da quinta, certamente porque também teve dúvidas na decifração do manuscrito; lê e traduz assim:

Jul. Atil. F. Arcenia.

Arcenia fez pôr esta sepultura a Julio Atilinio.

Pouco tempo depois, Levy Maria Jordão³ recolhe o texto, apoiando-se exclusivamente em Juromenha:

IVL. ATIL. F. ARCENIA

¹ Hübner lerá o nome da proprietária da quinta como “H^{na} de Paz Cea”, mas acrescenta: “Si recte nomina legi”, ‘se li bem os nomes’. Na transcrição do manuscrito de Sottomayor feita no *Arquivo do Concelho de Sintra* (n.º 2, Maio 1941, p. 93) a questão é contornada mediante a... omissão pura e simples da referência. O primeiro nome é, seguramente, Helena; o apelido mantém-se, por enquanto, indecifrado.

² *Cintra Pinturesca, ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares, e Seus Arredores*, Lisboa, 1838, p. 199. Deste livro fez a Câmara Municipal de Sintra, com data de 1989-1990, através do seu Gabinete de Estudos Históricos e Documentais, uma reimpressão anastática da edição original.

³ *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, Lisboa, 1859, p. 217, n.º 496.

Desta sorte, ao compilar toda a documentação epigráfica da Hispânia romana, por iniciativa da Academia das Ciências de Berlim, Emílio Hübner (CIL II 289)⁴ tenta reconstituir o epitáfio, outorgando-lhe um ar mais compreensível e de acordo com as regras epigráficas:

IVL · ATIL · F · ARCIANIA

O hipotético antropónimo *Arciania* surge antecedido do asterisco de dúvida nos índices do CIL (p. 1078, col. 2), na lista dos cognomes. Na interpretação (dubitativa, realce-se) de Hübner (CIL II, p. 1064, col. 4), estaremos perante o *nomen Iulia*, seguido da filiação; não ousa, porém, desdobrar o nome do pai, por quanto se pode depreender da não-referência a um presumível *Atil...* entre os cognomes.

Com base em Hübner, Alfred Holder⁵ cita o feminino *Arciania* como cognome de *Iulia Atil. f.*, já sem qualquer asterisco de dúvida, entre os nomes de etimologia pré-romana, muito provavelmente “céltica”—que disso trata o seu livro.

Entra assim, discretamente, *Arciania* no rol dos nomes pré-romanos:

— M. Palomar Lapesa⁶ irá afirmar que “*Arciania...* parece ser una derivación del nombre *Arquius, Arcius*”;

— e como tal Jürgen Untermann o insere no mapa 10 (n.º 1) do seu atlas onomástico⁷;

— José Vives⁸, quiçá por lhe ter parecido estranha a terminação em *-ia* dum cognome, refere primeiramente *Arciana*, que corrige depois para *Arciania* na p. 836;

— e no último repertório antroponímico peninsular⁹ volta-se a referir o nome com ponto de interrogação.

A interrogação tem pleno cabimento, como vamos ver.

⁴ CIL II 289 = Hübner (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869 e 1892. Quando as siglas CIL forem seguidas de um número sem vírgula significa que se está a fazer referência ao número da inscrição no catálogo. Aqui é, portanto, a inscrição n.º 289.

⁵ *Alt-Celtischer Sprachschatz*, I, Leipzig, 1896 (reimp.: Graz, 1961), col. 183, l. 50.

⁶ *La Onomástica Personal Pre-Latina de la Antigua Lusitania (Estudio Lingüístico)*, Salamanca, 1957, p. 39.

⁷ *Elementos de un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965.

⁸ *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972. Inscrição n.º 2194.

⁹ Juan Manuel Abascal Palazón, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 284.

O monumento

Trata-se de um cipo prismático, de “pedra” regional, que foi truncado aquando de uma das suas várias reutilizações (foto 3). Cortaram-lhe cerca de metade ou algo mais da altura e afunilaram de cima para baixo o troço reaproveitado, boleando as respectivas arestas laterais, de molde a conferir-lhe um aspecto muito similar às salgadeiras troncocónicas que, em tempos idos, eram vulgares na região saloia¹⁰. Aliás, o receptaculum cavado no topo superior parece ter sido alargado nessa altura: mede 52 cm de largura e de comprimento e 24 de profundidade¹¹.



Foto 3 – O aspecto do monumento em reutilização

¹⁰ Outro tipo de salgadeira de pedra também muito abundante nesta zona é a caixa paralelepipedica, que, por vezes, reutiliza cipos romanos invertidos.

¹¹ Na verdade, em regra, as dimensões – mormente a largura e o comprimento – são bem menores, embora CIL II 323 (o n.º XII da colecção epigráfica de Odrinhas) apresente uma cavidade de 47 cm de lado por 24 de profundidade e está completo, não havendo vestígios de que tenha sido reutilizado.

Apresenta duas depressões regulares a meio da aresta superior de cada face lateral (foto 4). A da esquerda mede 18 cm de comprimento e 6 cm de profundidade máxima; a da direita, apenas 12,5 x 4. Côncavas, de perfil em arco de circunferência, destinavam-se, certamente, a prender um elemento de madeira do aro inferior da cobertura a que se articularia a tampa da salgadeira. A existência dessa tampa – tradicional na região – pode ainda encontrar plena justificação no facto de Sottomayor, que observou directamente a epígrafe, não ter lido a primeira linha, que se vê perfeitamente, devido exactamente ao facto de ela se encontrar então tapada. E a invocação aos deuses Manes era um dado que não só não se ocultava como, por vezes, expressamente se considerava existente, mesmo quando na pedra ele, na verdade, se encontrava omissos.

Ao nível do segundo M da 1. 2, existe o canal de escoamento da salgadeira (foto 5).

Dimensões: 148 x 69 x 67.

Campo epigráfico: (53) x 22.

D(iis) · M(anibus) / M(arci) · ATILI(i) · M(arci) · F(ili) · G[AL(eria tribu)] / [M]arciani · AN(norum) [c. 3].

Aos deuses Manes de Marco Atílio Marciano, filho de Marco, inscrito na tribo Galéria, de [...] anos.

Altura das letras: 1. 1: 7; 1. 2: 6,5; 1. 3: 5,5. Espaços interlineares: 1,3.



Foto 4 – A parte superior, com as ranhuras para a tampa



Foto 5 – A inscrição

Bibliografia e variantes de leitura: vide supra.

Paginação cuidada, segundo eixo de simetria. Pontos triangulares. Caracteres monumentais quadrados: as barras são breves e horizontais; o D amplo; M largo; A bem simétrico, sem barra horizontal; R feito a partir do P, com perna alongada; C redondo. A gravação foi feita com goiva.

No final da 1. 2, poder-se-ia ler C (em vez de G), como noutros monumentos sucede. Na 1. 3, preferiu-se a hipótese AN (a ANN) devido ao pouco espaço sobrance e atendendo à semelhança do texto com o do já referido monumento XII de S. Miguel de Odrinhas, eventualmente saídos ambos da mesma oficina, atendendo ao igual *ductus* dos D, dos M e dos R. Paleograficamente, são contemporâneos: da segunda metade do século I da nossa era. O numeral indicativo da idade desapareceu por completo; supomos que poderia ter três algarismos.

Trata-se do epitáfio dum cidadão de *Olisipo*, porquanto se encontra inscrito na tribo Galéria.

Do gentílico—*Atilius*—encontram-se outros testemunhos na zona ocidental do *ager Olisiponensis*. Cinco provêm de Faião (Terrugem, Sintra): CIL II 274 = ILER 2392 = MASMO LXX; Cardozo 1958, n.º 4 = MASMO CXII; *idem*, *ibidem*, n.º 7 = MASMO XCVII; *idem*, *ibidem*, n.º 9 = MASMO XCVIII; e um outro, inédito, que está no Museu de Odrinhas. CIL II 5010, que memora *M. Atilius M. f. Gal. Tanginus*, foi achado em Casal de Planos (S. João das Lampas, Sintra). Na Ericeira (Mafra), a dedicante numa árula a *Fons* identifica-se como *Atilia Amoena* (Dias 1983, Ribeiro 1983)¹². Na cidade de Lisboa propriamente dita, há a registar o cognome *Atilianus*, de um *eques* (CIL II 263 = ILER 5591). É, como se vê, um *nomen* frequente nesta área da Lusitânia e, pelo que nos é, desde já, possível concluir, atendendo aos exemplos lusitanos documentados, estaremos perante uma *gens* de imigrantes—que em Faião regista um número considerável de testemunhos.

¹² Identificação da bibliografia citada:

— Cardozo 1958 = CARDOZO (Mário), “Novas inscrições romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra)”, *Revista de Guimarães* 68, 1958, 355-376.

— Dias 1983 = Maria Manuela Alves Dias, “Árula votiva da Ericeira”, *Ficheiro Epigráfico* 5, 1983, n.º 16.

— MASMO = FONTES (Joaquim), *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1975. RIBEIRO 1983 = José Cardim RIBEIRO, “Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense”, *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III s. 89 (1) 1983, 331-369.

Marcianus é, por seu turno, um *cognomen* bem latino¹³, patente nas zonas mais romanizadas da Península Ibérica: cf. mapa da sua distribuição elaborado por Vasco Mantas¹⁴ e as considerações exaradas em *Sintria* 1982-1983, p. 307-332, onde inclusive se faz a sua relação com o *praenomen Marcus*¹⁵.

O contexto arqueológico e o topónimo Galamares

Ocorre perguntar, ainda, qual terá sido o contexto inicial desta epígrafe e, por concomitância, da outra (desaparecida) que lhe fazia companhia nos finais do século XVII. Ou seja, onde está a necrópole donde ambas provieram?

Desconhece-se a existência de estruturas arqueológicas romanas em Galamares. Ouvimos dizer, em tempos, que se haviam topado tijolos velhos e uns “caqueiros”, por ocasião de remoção de terras na propriedade da firma “Os Duartes”. O local não fica muito longe; mas nada de concreto conseguimos apurar.

Inclinamo-nos, porém, para outra hipótese.

As velhas quintas de Galamares a Colares têm origem renascentista, na sua maior parte, e foram habitadas por várias gerações de amantes de antigualhas. De resto, no texto da revista que está na origem destas “divagações”, alude-se à hipótese de a actual Quinta de S. João ter pertencido outrora à Quinta do Cosmo, propriedade do conde de Soure... Uma proveniência, por exemplo, da Madre de Deus, onde fica a estação romana (identificada) mais próxima, afigurava-se-nos deveras interessante.

Até pode ter sido recolhida, naquele lugar, por alguém que vislumbrou o topónimo **Galamares** na própria epígrafe: GAL/MAR, da segunda para a terceira linha, permitiria essa ilusão numa antiga leitura apressada do monumento ainda inteiro. Será, decerto, hipótese difícil de demonstrar, mas, embora inusitada, não queremos deixar de a sugerir. Alguém poderia, na verdade, ter procurado aí especiais e vetustos pergaminhos para a povoação...

¹³ Cf. KAJANTO (I.), *The Latin Cognomina*, Helsinki, ¹1965, Roma ²1982, p. 27 e 150.

¹⁴ MANTAS (Vasco Gil), “Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras”, *Conimbriga* 21, 1982, 96-97.

¹⁵ RIBEIRO (J. Cardim), “Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de **L. Iulius Maelo Caudicus**”, *Sintria* I-II (1) 1982-1983, 151-476.

Recordemos, contudo, que, na segunda metade do século XVII, a pedra estaria já reaproveitada como salgadeira. Doutra forma se não explicariam as omissões da primeira linha (oculta, pensamos, pelo aro de madeira da tampa) e nos começos e finais das linhas (porque se procedera ao corte das arestas).

Conclusão

Estamos, por conseguinte, perante mais uma coincidência feliz, inesperada, a justificar que a tudo o investigador deve prestar atenção.

Demonstra-se, além disso, que – se estranhas elucubrações não devem ser tomadas a sério – há, porém, que não as menosprezar, utilizando-as com espírito crítico para desvendar o que lhes estará por trás. Neste caso, um suposto antropónimo pré-romano (*Arciania*) cedeu lugar à completa identificação bem latina de um cidadão romano de *Olisipo*: *Marcus Atilius Marcianus*.

